

George Harrison

A Aprendizagem do Beatle Quieto

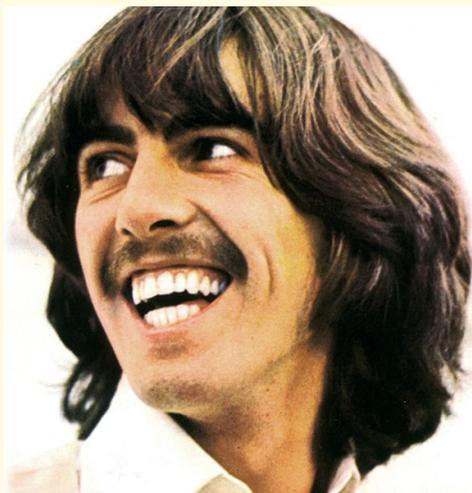
DR. PAULO ROBERTO CRUZ MARQUETTI

Dos quatro Beatles, George foi o que teve a infância mais difícil. Nascido em 25 de fevereiro de 1943, em Wavertree, bairro proletário de Liverpool, tomava banho de bacia, com água aquecida em uma chaleira, porque seus pais não tinham dinheiro para comprar um aquecedor. Louise, sua mãe, era dona de casa, e seu pai, Harold, era motorista de ônibus no serviço de transporte público, mas inteligente e dedicado o suficiente para planejar as 80 rotas de todos os 6.000 ônibus da cidade; e o fazia com eficiência.

Passou a infância brincando com amigos nos destroços da cidade devastada pelos bombardeios dos alemães e, depois da escola, não via a hora de chegar em casa e ouvir seus discos favoritos. Aos 10 anos, comprou, com a ajuda da mãe, um violão para principiantes por £ 3.10, mas o instrumento tinha o braço torto, e, para aprender a tocar, George apertava as cordas com força até os dedos sangrarem. Mesmo com tal dificuldade, ele não desistiu, pois nunca lhe faltou o encorajamento de Louise.

Sua irmã (também Louise) fez faculdade para tornar-se professora, e os dois irmãos fizeram cursos técnicos; Harry, mecânica, e Peter, mecânica de automóveis e soldagem. Harold pensava que George poderia se tornar electricista e abrir uma oficina com seus dois irmãos.

Aos 12 anos, entrou para o *Liverpool Institute*, escola secundária cujo ensino de bom padrão lhe permitiria aspirar a uma vaga na faculdade no futuro. Arthur Evans, um



dos professores, o definiu como “um garoto muito quieto e introvertido, que sentava no canto mais isolado da sala e nunca dizia uma palavra ou mesmo dirigia um olhar”.

Os amigos o viam como tendo “um terrível senso de humor, e intolerante quanto a idiotices”. Não tolerava o “bullying”, e aprendeu que a melhor maneira de se defender dele era um soco rápido em quem o intimidava. Não entregava os trabalhos escolares, e as constantes ameaças dos pro-

fessores só serviram para diminuir o seu interesse, levando-o a abandonar a escola.

Aos 13 anos, teve repetidas amigdalites, seguidas de uma nefrite que o fez ficar 6 semanas no hospital.

Era 1956, e nessa época surgiu o “rock’n’roll”, definido por F. J. Braceland, presidente da Associação Americana de Psiquiatria, como “uma doença transmissível, canibalésca”. Aos 13 anos, George ouviu *Heartbreak Hotel*, de Elvis Presley, e *Tutti Frutti*, de Little Richard, e seu sonho passou a ser entrar para uma “skiffle band”.

As “skiffle bands” eram um fenômeno tipicamente inglês, com adolescentes tocando instrumentos rudimentares, um violão barato, um cabo de vassoura com uma corda de metal presa a uma caixa ou bacia servindo de contrabaixo e uma tábua de lavar roupa como percussão. Sendo Liverpool um porto, era por ali que chegavam os discos da América, antes de qualquer outro lugar, e as “skiffle bands” tentavam aprendê-los e tocá-los.

QUANDO EXPERIMENTOU LSD, FICOU DECEPCIONADO. PERCEBEU QUE PESSOAS ESTÚPIDAS QUE O USAVAM, QUANDO ABRIAM A BOCA SOB EFEITO DELE, CONTINUAVAM ESTÚPIDAS.

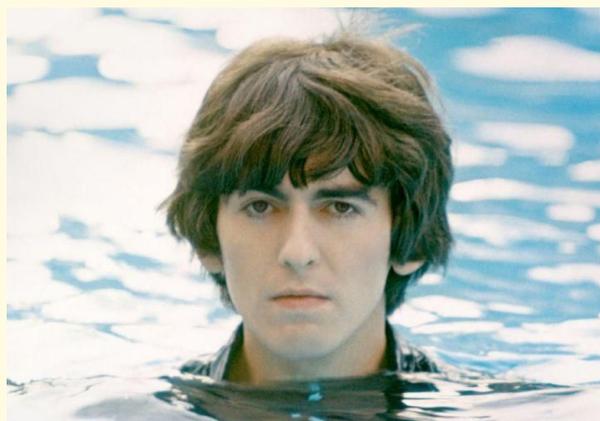
George ia para a escola em um ônibus de 2 andares e se sentava com seu violão sempre no último banco do andar de cima e, um dia, conheceu um colega nove meses mais velho, também com seu violão, chamado James Paul McCartney. Este tocava em uma banda da *Quarry Bank High School*, *The Quarrymen*, e disse ao líder da banda, John, que George era um pouco novo, mas tocava “Raunchy” direito. Ao ouvi-lo tocar, John Lennon disse: “Você tá dentro”. Era fevereiro de 1958.

Ensaivavam na casa de John, mesmo com sua tia Mimi dizendo: “Tocar violão é um bom passatempo, John, mas não lhe trará nenhum dinheiro”. Sobre George, ela disse: “Parece que você sempre gosta dos tipos de classes baixas, não é, John?”

George então convenceu seus pais a aceitarem que a banda ensaiasse na sua casa, e Louise sempre lhes servia biscoitos caseiros e, às vezes, até um gole de uísque.

Em 1960, quando George tinha 17 anos, a banda, agora já batizada de *Silver Beetles*, foi convidada tocar por duas semanas na Escócia, o que o levou a pedir demissão do seu emprego. A turnê foi desastrosa, mas nada os faria desistir. Ao voltarem a Liverpool, Alan Williams os convidou para tocarem no pequeno Jacaranda Club, e George pediu a ele uma vassoura e um esfregão. Nada a ver com limpar o local, mas sim para prender neles os microfones, pois eles não tinham dinheiro para comprar pedestais para os microfones, e suas namoradas os mantinham na posição correta durante a apresentação.

O mesmo empresário os convidou a tocarem em Hamburgo, em um local chamado Indra, onde eles fizeram tanto sucesso em um mês que os vizinhos reclamaram do barulho e o local voltou a ser um tranquilo clube de “strip tease”. Passaram a tocar no Kaiser Keller, também na zona portuária, onde seu público, basicamente marinheiros bêbados e prostitutas, como não falava sua língua, tinha que ser cativado com uma apresentação agitada, com micas, “sketches” simulando brigas. E foi assim que eles aprenderam sua técnica de palco para entreter o público e mantê-lo atento. Para virar a noite com às vezes três shows, passaram a usar Preludin (flumetrazina), o estimulante da época. Assim George já ganhava £ 15 por semana, mais que o salário do seu pai.



Quando foram tocar com George Sheridan em outro local, o dono do Indra e do Kaiser Keller os denunciou por George ser menor de 18 anos, e eles foram expulsos em 24 horas, voltando a Liverpool em 22 de novembro de 1960. Em 27 de dezembro, tocaram em um baile no Litherland Town Hall, e o público ficou histérico. George, John, Paul, o baterista Pete Best e o baixista Chas Newby deixaram a plateia maravilhada com o inglês perfeito “daquela banda de Hamburgo”.

Com 40 shows em três meses, eles se tornaram a principal banda de Liverpool, passando a ser a banda residente do Cavern Club, um porão anteriormente usado como depósito de legumes, sem janelas ou ventilação, que só tinha cadeiras. Durante os shows, saía vapor pela porta, pela transpiração do público. O vapor condensava-se nos tijolos e causava curtos-circuitos, que interrompiam os shows.

Até agosto de 1963, a banda, agora chamada *The Beatles*, tocou 292 vezes no Cavern Club. George não sorria no palco porque era o solista e tinha que ficar concentrado para não errar.

Em abril de 1961, eles tinham gravado um disco em Hamburgo como banda de apoio do cantor Tony Sheridan. Em 28 de outubro, um jovem entrou na loja de discos NEMS, em Liverpool, e pediu um exemplar do disco *My Bonnie*, e o gerente da loja, Brian Epstein, ficou surpreso porque nunca tinha ouvido falar dele. Após pesquisar, importou 25 unidades do disco, que foram vendidas em menos de uma hora. Descobriu que eles não eram alemães e tocavam bem perto da sua loja. Em 9 de novem-

bro, foi com um assistente ao Cavern Club para ouvi-los tocar. Achou-os “medonhos, mas fantásticos...” E o resto é a história que quase todo mundo conhece. Brian tornou-se seu empresário e, após serem recusados para testes de gravação em muitas gravadoras, foram aceitos para um teste na gravadora EMI com o produtor George Martin, em 6 de junho de 1962.

Em outubro de 1962, lançaram o primeiro compacto, *Love Me Do*, que deu início à sua meteórica carreira de sucesso. O jornal inglês *The Observer* chegou a lembrar que a deusa grega da fertilidade, Amorgos, cuja estátua lembrava a forma de uma guitarra, já era um símbolo sexual 4.800 anos antes, e que isso explicava a histeria das fãs...

Mas onde isto tudo se conecta com o nosso tema central, ENSINAGEM?

Em agosto de 1963, George compôs sua primeira canção, *Don't Bother Me*, na qual afirmava estar se sentindo solitário e não querendo ser incomodado pelo assédio dos fãs e da imprensa.

Em fevereiro de 1964, quando eles fizeram sua primeira turnê pela América, George disse à sua irmã Louise: “Nós não somos músicos excepcionais. Nós ainda estamos aprendendo. E nenhum de nós sabe ler música. Ninguém aqui é particularmente bonito e nenhum de nós tem uma personalidade fantástica. Nós somos apenas uns caras normais.”

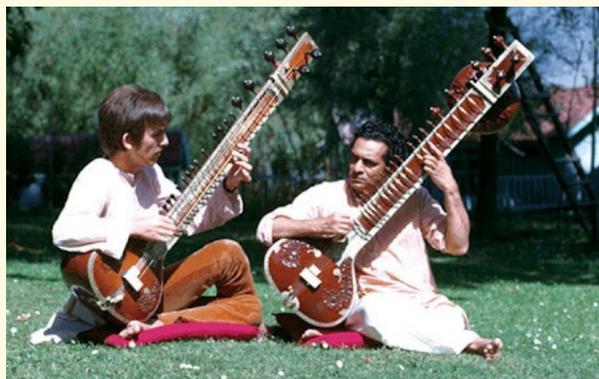
Quando experimentou o LSD, percebeu que não tinha nada inerentemente espiritual nele e se decepcionou. Percebeu que pessoas estúpidas que o usavam, quando abriam a boca sob o efeito dele, continuavam estúpidas.

Em 1965, em uma visita à casa de Elvis, o seu estilista, Harry Geller, disse a George que estudava a Kriya-Yoga, do Mestre Paramahansa Yogananda, havia já cinco anos e que conversava com Elvis sobre isso. Os amigos de Elvis diziam que Geller embaralhava sua cabeça. George sempre quis saber como era estar no topo, e se decepcionou com a visita a Elvis.

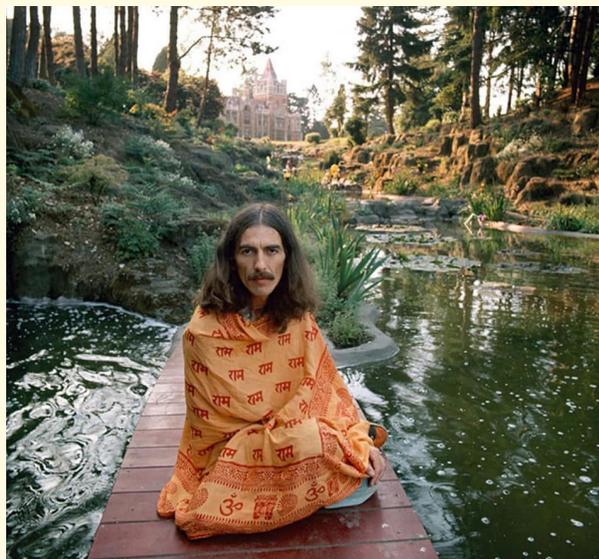
Em outubro de 1965, durante a filmagem de *Help*, George descobriu o sitar e ficou fascinado. Dias depois, comprou um na Oxford Street e o levou ao estúdio onde iriam gravar *Norwegian Wood*. Abertos a novas sonoridades, incluíram-no na gravação. Amigos músicos lhe recomendaram que ouvisse os discos de Ravi Shankar. George ouviu a *Raga Palas Kafi* e ficou extasiado com o som do sitar junto à base monocórdica da Tumbura, dando-se conta de que Ravi considerava sua arte como sendo uma disciplina espiritual e tentava traduzir Deus na forma sonora.

Ainda em 1965, George pediu a Ravi Shankar que lhe desse aulas de sitar. Ravi lhe ensinou que Deus está à nossa volta, mas escondido. Se George tocasse a sonoridade certa, ele poderia revelar Deus, tirando-O do seu esconderijo. George, que tinha chegado ao topo da montanha material, sentiu nessa afirmação um impacto transcendental, transformador e permanente.

George, Ravi e suas esposas, Pattie e Kamala, viajaram para a Índia, onde George teve o primeiro contato com a religião indiana e com os livros sobre Yoga, especialmente o *Raja Yoga*, escrito por Swami Vivekananda, que lhe ensi-



George tocando sitar com Ravi e em seu refúgio (abaixo).



George Harrison

nou: “Você é o que você busca. Não há nada a fazer senão compreender isto.”

George se deu conta de que a meditação poderia ampliar seus horizontes tanto quanto o LSD, levando-o a atingir a sua consciência cósmica. Aos 23 anos, deu-se conta de que a sua infância, família, fama e estereótipos nada tinham a ver com o seu verdadeiro eu. O George físico era real, mas temporário, com o corpo físico (terra, ar, fogo, água e éter) e o corpo sutil (mente, inteligência e ego). A alma, o seu verdadeiro eu, era envolto por tudo isso.

Aprendeu que para tocar bem uma Raga, precisaria estudar 20 horas por dia durante 12 anos. A celebridade efêmera como um Beatle lhe permitiu vislumbrar uma existência eterna como a sua verdadeira recompensa.

Após seis semanas na Índia, voltou para Londres, fez gravações com fitas tocadas de trás para a frente, inseriu fotos de gurus indianos na capa do álbum *Sergeant Pepper* e compôs a maravilhosa *Within You Without You*, sem dúvida a faixa mais complexa do álbum, a primeira música dos Beatles com três mudanças de compasso, tambura, tablas, sitar e santoor, e um vocal que cantava que uma barreira de ilusão nos separa uns dos outros; e que a paz virá quando aprendermos a ver além da ilusão das diferenças, e quando aprendermos que somos um, e que a vida está em todo lugar, dentro e fora.

Aprendeu a cantar o mantra Hare Krishna, que a religião indiana usa para aproximar-se de Deus, e instalou em Londres o templo Hare Krishna. Em 1970, disse: “Eu não quero morrer como ‘o produtor George Harrison’ ou ‘o guitarrista George Harrison’ ou simplesmente como ‘um Beatle’. Eles todos são eu, mas eles não são realmente eu. Quando as pessoas começam a rotular, então é hora de seguir em frente. Eu sou ilimitado. Todos nós somos ilimitados”.

Sua irmã Louise afirmou que “atos de bondade tornaram-se uma arte com ele. Podia pagar a conta do hospital das pessoas e fazer outros atos de bondade, não para que as pessoas pensassem bem dele, mas simplesmente porque ele acreditava que bondade deveria ser feita no mun-

do. Tudo bem, ele estava numa busca espiritual, mas ele era um bom ser humano. Nossa mãe sempre nos ensinou a sermos cuidadosos ao julgar o bem e o mal. O critério dela era, ‘Isso prejudica alguém?’ Se sim, então estava errado, e George viveu desse jeito”.

Quando um repórter perguntou se era possível ser espiritual em um mundo material, ele disse: “Nossa consciência tem sido tão poluída com a energia material, que fica difícil enxergar nosso caminho rumo à espiritualidade. Contudo, todos temos dentro de nós as mesmas qualidades de Deus, assim como uma gota do oceano tem as mesmas características do oceano. Todos estão procurando por algo externo, mas tudo está aqui, dentro de nós.”

Em julho de 1997, percebeu um nódulo no pescoço. A investigação revelou um câncer na garganta. Ele disse ao seu amigo Shyamsundar: “Eu simplesmente vou embora, algum dia, não importa. Estou pronto, Krishna, quando você quiser puxar a tomada. Eu só quero estar com... Quero dizer, você consegue só imaginar o céu espiritual?”

Em 29 de novembro de 2001, George Harrison foi ao encontro de Krishna. O dia estava ensolarado, as nuvens se moviam lentamente, em um tom laranja.

Algum tempo depois, seu filho Dhani divulgou uma carta que George escrevera para sua mãe quando tinha 24 anos, em que dizia: “Eu quero ser autorrealizado. Eu quero encontrar Deus. Não estou interessado em coisas materiais, neste mundo, fama... Estou procurando a verdadeira meta. E espero que você não se preocupe comigo, mãe.”

Nesta edição do *Íátrico*, pareceu-me adequado resumir a trajetória da vida do Beatle Quieto, em sua busca incansável pela sua paz interior. E ele a encontrou. Creio que, em nosso tema, *Ensinagem*, o seu aprendizado pode nos ensinar que, independentemente de qual fé, religião, crença que cada um de nós tenha, ou mesmo na absoluta ausência de uma, sempre podemos realizar nossa busca pela paz interior. E encontrá-la, como George encontrou a sua. Basta que nos lembremos de buscá-la em nosso âmago e a encontraremos. Este é o ensinamento que ele nos deixou. **i**

LEITURAS SUGERIDAS

1. The Beatles – *Antologia* – Cosac & Naify, São Paulo, 2001.
2. Harrison, George – *I Me Mine* – Genesis Publications Ltd., Guildford, England, 2017.
3. Greene, Joshua M. – *Here Comes The Sun – A Jornada espiritual e Musical de George Harrison* – Relighare – Pindamonhangaba, SP, 2015.